

Boletim Internacional



Ano VI nº 09 22.03.2006

Americanos virão ao Brasil denunciar Gerdau

Um sindicalista metalúrgico norte-americano, trabalhador da multinacional brasileira Gerdau, virá ao Brasil, a cada 15 dias, para conhecer a organização, a realidade dos metalúrgicos brasileiros e relatar os embates dos metalúrgicos norte-americanos que trabalham na multinacional. As unidades visitadas serão São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Bahia e Maranhão. Essas visitas acontecerão até que o Grupo aceite negociar a renovação do acordo coletivo da categoria nos EUA.

Segundo os norte-americanos, a Gerdau tem se notabilizado por recusar-se a negociar a renovação do acordo coletivo com o USW Steelworkers (confederação nacional dos sindicatos de metalúrgicos que representam trabalhadores dos EUA e Canadá). A empresa já recorreu até mesmo a um locaute - greve dos patrões - em maio do ano passado para pressionar os trabalhadores a aceitarem, única e exclusivamente, os seus termos de negociação. As cinco plantas da Gerdau instaladas nos EUA não reconhecem os sindicatos locais.

O primeiro a cumprir a agenda de visitas é o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Beaumont (Texas), Peter Savoy, que ficará no Brasil até o dia 26 de março. No dia 22 de março, está marcado um ato internacional de protesto em solidariedade ao Sindicato dos Metalúrgicos de Beaumont.

A Gerdau bateu recorde de receita líquida em 2005 chegando a R\$ 21,246 bilhões, com um lucro total de R\$ 2,235 bilhões. Só no Brasil, o lucro foi 10,6% maior do que em 2004, R\$ 2,4 bilhões. Na América do Norte, o valor chegou a R\$ 685,1 milhões.

Sérios problemas

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Beaumont, Peter Savoy, relata um quadro inusitado. Desde que o Grupo Gerdau comprou a siderúrgica em Beaumont (Texas), do Grupo Cargill, em 2004, a realidade dos trabalhadores começou a mudar radicalmente. A Gerdau esperou que findasse a vigência do acordo coletivo com a antiga siderúrgica (em janeiro de 2005) para começar a implantação de mudanças drásticas no relacionamento com o Sindicato. A empresa passou a impor aos funcionários os seus próprios termos: cortes nos salários, jornada de trabalho de 16 horas, sem adicionais, cortes nos Planos de Saúde, entre outras medidas. Com os protestos, a empresa recorreu, em maio, ao locaute. 'A intenção da empresa é quebrar o sindicato', diz Savoy.

O sindicalista relatou, por exemplo, que durante o locaute, a Gerdau enviava cartas aos familiares dos funcionários os aconselhando a aceitarem os termos da empresa ou então a não participar dos 'piquetes' promovidos pelo Sindicato, pois seria 'muito perigoso', além de ameaçar com demissão caso o trabalhador entrasse em greve. O Sindicato, diante dessa situação constrangedora, contratou com outras cartas de esclarecimento, notas em jornais e emissoras de rádio e televisão locais.

Segundo Savoy, dos 270 trabalhadores da unidade da Gerdau em Beaumont, somente dois aceitaram os termos da empresa. Do total, 250 são filiados ao Sindicato. Savoy acredita que Jorge Gerdau, o dono da empresa e considerado um dos homens mais ricos do mundo, não é responsável direto pelo o que acontece na empresa norte-americana. 'Acredito que essa política é específica do gerente geral da unidade que vem de empresas onde não há representação sindical e isso ele não suporta', diz Savoy.

Diante das mudanças impostas pela empresa, o Sindicato de Beaumont entrou com representação no Ministério do Trabalho dos EUA e conseguiu uma declaração oficial alegando a 'ilegalidade das ações da empresa', o que obrigou o fim do locaute e a volta ao trabalho.

Intercâmbio

O primeiro encontro nacional dos trabalhadores da Gerdau, nos dias 16 e 17 de março, reuniu dirigentes metalúrgicos da CUT e Força Sindical de todo país no Centro de Solidariedade ao Trabalhador em Osasco, São Paulo. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Beaumont (Texas), Peter Savoy, participou do evento com uma exposição dos problemas enfrentados pela sua entidade.

Os participantes analisaram os acordos e convenções coletivas de trabalho assinados pelos sindicatos brasileiros com o Grupo Gerdau, trocaram informações sobre o procedimento da multinacional no Brasil e nos países onde está instalada e traçaram metas de atuação conjunta para enfrentar as iniciativas da empresa. (*Assessoria de Imprensa da CNM/CUT, 20.03.2006*)

Lutam os trabalhadores da Toyota

Estão em greve os trabalhadores da Toyota, lutando pela readmissão de 124 trabalhadores demitidos nas Filipinas.

Os representantes sindicais das maiores fabricas da empresa em todo o mundo concordaram em iniciar uma luta unificada pela readmissão de 124 trabalhadores da empresa demitidos nas Filipinas. O encontro sindical aconteceu em Manila em 16 de março último.

Na reunião sindicalistas do Japão, Tailândia, Austrália, África do Sul e Reino Unido foram informados pela Associação dos Trabalhadores da Cia. Toyota das Filipinas (Toyota Motor Philippines Corporation Workers' Association - TMPCWA) sobre o conflito com a direção local da empresa. O encontro discutiu também possíveis ações comuns se a empresa recusar a aceitar as reivindicações do sindicato.

No dia seguinte à reunião, o TMPCWA, apoiado pelos participantes da reunião e por representantes da FITIM reuniu-se com a direção da Toyota e reafirmou suas exigências de readmissão dos funcionários. A empresa comprometeu-se a estudar a solicitação e a dar uma resposta antes do final de março.

Ficou acertada nova reunião posterior para continuação da discussão. (AG) (*FITIM, 21.03.2006*)

ORIT repudiou atitude mexicana

A ORIT, a Organização Regional Interamericana de Trabalhadores, que representa mais de 45 milhões de trabalhadores no Hemisfério, somou-se à FITIM e a outras organizações internacionais no repúdio à intervenção estatal no Sindicato Nacional de Trabajadores Mineros, Metalúrgicos y Similares de la República Mexicana (SNTMMSRM) que acarretou a deposição de seu secretário geral Napoleón Gómez Urrutia. O sindicalista foi destituído de seu cargo em 17 de fevereiro pela Secretaria do Trabalho, um organismo federal.

Desde sua nova sede em São Paulo, onde a entidade acabou de se instalar, Victor Baez Mosqueira, secretário geral da ORIT enviou uma carta ao presidente do México Vicente Fox Quesada, onde afirma que "considera inaceitável que o senhor Francisco Javier Salazar, secretario do Trabalho, tenha intervindo diretamente para remover ao companheiro Gómez, que foi substituído por outro dirigente" e que "também tenha-se congelado as contas bancárias do sindicato" utilizando-se "do pretexto de acusações feitas a Urrutia e ignorando que este tipo de casos devem ser dilucidados através dos organismos legais competentes".

Em resposta à atitude despropositada do governo mexicano os trabalhadores metalúrgicos estão em greve. Desde o dia 1º de março estão parados mais de 270 mil trabalhadores de 130 seções sindicais diferentes demonstrando o seu repúdio a Elías Morales Hernández, o interventor colocado no sindicato.

Desde que denunciou a responsabilidade da empresa no acidente ocorrido na mina Pasta de Conchos, em San Juan de Sabinas – acidente no qual 65 mineiros perderam sua vida, o companheiro Urrutia tem sido alvo de uma campanha de calúnias.

Mulheres dizem não à guerra

A campanha “Mulheres dizem não à guerra”, lançada nos Estados Unidos pelo grupo Code Pink, está recolhendo assinaturas em todo mundo pedindo o fim da invasão do Iraque. No “Chamado das Mulheres pela Paz”, elas afirmam que este não é o mundo que querem para as mulheres e para seus filhos, pedem o fim do derramamento de sangue e da destruição e que os recursos dos países sejam usados para garantir as necessidades básicas das famílias, e não para o financiamento da guerra. As feministas também reivindicam a representação das mulheres no processo de construção da paz e o compromisso com a igualdade completa da mulher no Iraque após o término da guerra. Exigem ainda que o controle do petróleo e dos outros recursos naturais do Iraque esteja nas mãos dos iraquianos, e denunciam as leis de privatização e desregulamentação impostas sob a ocupação.

No Brasil, o abaixo-assinado é coordenado pela Marcha Mundial das Mulheres, uma rede feminista que reúne organizações que luta pela igualdade de gênero em todo o país. A Marcha realizou uma mística em frente ao Bank Boston durante o ato deste sábado, que simbolizou a resistência dos povos às políticas militaristas e imperialistas de Bush e mostrou como a mulher é uma das principais vítimas dos conflitos armados.

Uma proclamação urgente : **Um chamado das mulheres pela paz**

Nós, mulheres dos Estados Unidos, Iraque e mulheres de todo o mundo, já não temos mais paciência nem para a guerra sem sentido no Iraque e nem para os cruéis ataques contra outros países no mundo.

Já enterramos muitos de nossos seres queridos. Já vimos demasiadas vidas mutiladas pelas feridas físicas e psicológicas. Já vimos com horror como nossos recursos preciosos são utilizados para a guerra, enquanto as necessidades básicas de nossas famílias (comida, habitação, educação, saúde) não estão disponíveis para eles.

Não temos mais paciência para viver com medo constante à ameaça da violência e ver o crescente câncer do ódio e da intolerância que estão aumentando e entrando em nossas casas e em nossas comunidades.

Este não é o mundo que queremos nem para nós, nem para nossos filhos. Com o fogo no estômago e o amor no coração, nós, mulheres, estamos nos levantando, sem fronteiras, para unir-nos e demandar um fim ao derramamento do sangue e da destruição.

Vimos como a ocupação externa do Iraque tem originado um movimento armado em contra, perpetuando um ciclo de violência sem fim. Estamos convencidas de que este é o melhor momento para fazer a transição de um modelo militar para um modelo de resolução do conflito de forma pacífica ou da mediação que inclua os seguintes fatores:

- A retirada de todas as tropas e dos combatentes estrangeiros do Iraque;
- A reincorporação dos iraquianos deslocados à sociedade iraquiana;
- A representação das mulheres no processo de construção da paz e um compromisso com a igualdade completa da mulher no Iraque após o término da guerra;
- Um compromisso de descartar a construção de todas as bases militares estrangeiras no Iraque;
- controle do petróleo e de todos os outros recursos deve estar nas mãos dos iraquianos;
- A denúncia das leis de privatização e de desregulamentação, impostas sob a ocupação, permitindo aos iraquianos formar a trajetória econômica independente após a guerra;
- Um esforço massivo para a reconstrução que priorize empresas iraquianas e que use recursos financeiros dos países responsáveis pela invasão e pela ocupação do Iraque;
- A inclusão de uma força internacional provisória de paz, verdadeiramente multilateral e que não esteja composta por nenhum dos países que participaram da ocupação.

Para concretizar esse processo de paz, estamos criando um movimento massivo de mulheres de várias idades, de diferentes raças, religiões, migrantes e nativas, ultrapassando fronteiras e tendências políticas.

Juntas, vamos pressionar os nossos governos, as Nações Unidas, a Liga Árabe, os Prêmios Nobel da Paz, os líderes religiosos e outros membros da comunidade internacional, para por fim ao conflito armado e negociar uma solução política.

Nessa época de fundamentalismo divisor, chamamos os líderes do mundo para se unirem conosco para avançar nos valores fundamentais do amor da família humana para proteger nosso precioso planeta. (Mulheres para a Paz - <http://www2.sof.org.br/marcha>) [Faça o download do abaixo assinado](#)

Contra a precarização do trabalho

Protestos contra precarização do trabalho sacodem a França

Centenas de milhares de estudantes, trabalhadores, militantes políticos e dirigentes sindicais saíram às ruas no sábado em mais um protesto contra o Contrato de Primeiro Emprego, que retira uma série de direitos trabalhistas dos jovens. Veja o relato de Ivana Jinkings, direto de Paris.

Ivana Jinkings - Especial para Carta Maior

A manifestação de diversas forças políticas neste sábado (18), em Paris, reuniu, segundo a polícia, 500 mil pessoas. E, segundo os manifestantes, não menos de um milhão. Foi o maior protesto de estudantes, trabalhadores, militantes políticos, dirigentes sindicais contra o CPE (Contrat Première Embauche, ou Contrato de Primeiro Emprego), que retira uma série de direitos trabalhistas dos jovens, livrando os patrões do pagamento da justa causa nas demissões, entre outras medidas altamente impopulares.

A concentração teve início na Place D'Italie e transformou-se numa passeata até La Nación, cerca de oito quilômetros depois. No trajeto, os manifestantes gritavam palavras de ordem contra «uma sociedade que não oferece mais que desemprego e precariedade» à população.

Embora os principais alvos fossem o primeiro-ministro, Dominique de Villepin, e o presidente Jacques Chirac, as frases mais duras (quase todas impubicáveis) dirigiam-se contra o ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, responsável pela polícia e notório representante da direita francesa, que tem procurado desqualificar as manifestações atribuindo-as a "marginais" e a "estrangeiros".

O cortejo foi dominado pelas faixas vermelhas do PCF (Partido Comunista Francês), da CGT (Central Geral de Trabalhadores), CFDT (Confederação Democrática dos Trabalhadores), FO (Força Operária), além da CFE-CGC, Unsa, CFTC, FSU, e Solidaires, entre outros. Um dos principais organizadores do ato, o secretário geral da CGT, Bernard Thibault, declarou neste domingo aos jornais: «Crescemos cerca de um terço em relação ao que éramos em 7 de março. A demanda de retirada do Contrato de Primeiro emprego precisa de mais força. 70% dos franceses exigem sua retirada, sendo 80% de jovens entre eles. O governo está diante de um impasse em relação ao movimento».

A manifestação vitoriosa da esquerda correu pacífica pelas ruas de Paris. À medida que avançava, ia agregando gente. Grupos políticos vinham organizados, cada qual com sua bandeira: trabalhadores de uma fábrica, estudantes de um determinado colégio etc. Dirigentes e militantes do PCF levaram um carro de som que, junto com a CGT, incentivou milhares de pessoas a cantar a Internacional Comunista.

Um ou outro incidente de percurso, como o encontro de membros da LCR (Liga Comunista Revolucionária), grupo de extrema esquerda, com estudantes tidos por esses como «moderados», resultava em trocas de palavras de ordem. Mas o tom geral resultou num alento não apenas às forças populares francesas, mas à esquerda internacional. O movimento deverá culminar numa greve geral convocada para 23 de março.

No final, como prova de que polícia é polícia em qualquer parte do mundo, e ainda sob o impacto das impressionantes cenas incendiárias de jovens das classes populares em violentos conflitos de rua, um forte contingente de segurança rondou todo o percurso, armado como se fosse para uma guerra. Em La Nación, durante horas foram ostensivamente provocativos com os jovens. Bombas de efeito moral eram jogadas de 10 em 10 ou de 15 em 15 minutos. Quando chegaram ao «tempo-limite» de sua «tolerância democrática», os guardas partiram para cima dos manifestantes com gás lacrimogênio, prisões, tentando dispersando o final do ato. Mas, a essa altura, este já era história. * IVANA JINKINGS é editora da revista Margem Esquerda e da Boitempo Editorial (Foto: Indymedia) (Carta Maior, 19.03.2006)



Democratização da Comunicação

TV Digital: governo cede, mas cenário é desfavorável

No dia 10 de março, o Conselho de Desenvolvimento do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD), formado por diversos ministros, adiou a definição do padrão a ser adotado "por alguns dias". A decisão definirá os rumos da TV no Brasil por décadas e tem enorme impacto social. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o adiamento não ocorreu por sensibilidade aos pedidos da sociedade, mas para ouvir nova proposta de uma empresa. Após a reunião do SBTVD no Palácio do Planalto na semana passada, o ministro Hélio Costa leu uma nota à imprensa sobre o adiamento, onde os nove ministros pedem ao presidente Lula "um pequeno prazo para concluir os entendimentos finais sobre questões vinculadas à TV digital". No entanto, afirmou que já há conclusões sobre o modelo a ser implantado no país. Fontes não oficiais dão conta de que a razão do adiamento da decisão foi uma proposta da ST Microelectronics de instalar uma fábrica de semicondutores no Brasil, que os ministros querem conhecer.



Os movimentos sociais, no entanto, permanecem mobilizados. No dia 8 de março, em audiência com a ministra Dilma Rousseff, foi entregue um documento assinado por mais de 100 entidades brasileiras, entre elas a FENAJ, FNDC, CUT, Associação Brasileira de ONGs (Abong), Coletivo Intervezes, a Associação Brasileira de Canais Comunitários (ABCCOM), Articulação Nacional pelo Direito à Comunicação (Cris Brasil) e Congresso Brasileiro de Cinema (CBC). O documento afirmava a necessidade de mais debate para um correto posicionamento do governo sobre a TV Digital. Abaixo-assinados e atos dos estudantes em todo o país são algumas das diversas atividades que visam tornar a escolha uma decisão de acordo com o interesse público nacional. Na semana passada, 59 alunos do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel) viajaram de ônibus até Brasília para pedir que a decisão sobre a implantação da TVD fosse adiada. Na capital federal, como não conseguiram ser recebidos por ninguém no Ministério das Comunicações, um grupo de sete se acorrentou na porta principal do Minicom e lá ficou até a noite, quando finalmente saíram.

Sistema Japonês É Retrocesso

O padrão japonês é a opção declarada de grandes empresas radiodifusoras, principalmente da TV Globo. A emissora pertencente às Organizações Globo tem utilizado sua concessão pública para propagandear, em programas supostamente de jornalismo como o JORNAL NACIONAL, a favor do sistema japonês. O jornalista Ivson Alves registra que o padrão preferencial da Rede Globo é menos flexível, mais fechado e antidemocrático (inviabiliza a entrada de novos concorrentes no mercado), a transferência de tecnologia será menor e os aparelhos não têm escala de produção (portanto são mais caros).

Apesar de todos os esforços da sociedade e de segmentos do poder legislativo federal, a tendência no governo é de só escutar os argumentos dos donos da mídia, registra a FENAJ. "Sem nenhum pudor, o ministro das Comunicações prossegue movimentando-se sem nenhuma isenção. Antes mesmo da reunião dos ministros envolvidos com a questão (...) o ex-funcionário da rede Globo e dono de rádio prosseguiu, durante toda a semana passada, afirmando que a decisão sobre um tema que segundo estimativas movimentará mais de R\$ 100 bilhões só nos próximos 10 anos 'já está tomada'." (Por Gustavo Barreto) (*Boletim do Núcleo Piratininga de Comunicação - Nº 84 - De 16 a 31.3.2005*) (www.piratininga.org.br)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação
Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
<http://www.cnmcut.org.br>